

PAULO NUNES

# O corpo no escuro

*Poemas*



Copyright © 2014 by Paulo Nunes

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

*Preparação*

Jaime Azenha

*Revisão*

Marina Nogueira

Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Nunes, Paulo

O corpo no escuro : poemas / Paulo Nunes. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2386-5

I. Poesia brasileira I. Título.

13-13780

CDD-869.91

---

Índice para catálogo sistemático:

I. Poesia : Literatura brasileira 869.91

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

Confissão e prólogo, 9

A um antianjo, 12

## OBVNI

Canto primeiro, 15

Arqueologia, 16

O vigia, 17

Crescente, 19

Ab (absentia) óvulo, 21

O ator, 22

Perguntas, 23

A escada, 24

Endereço, 26

Maneira negra, 28

O corpo no escuro, 29

Novelo, 31

Ubiquidade, 33

Horto das Oliveiras, 34

Os sacrificados, 35

Adão, 36

Mais perguntas, 37

Bronze, 38

Anúnciação, 40

A queda, 41

Tango, 42  
Memória, 44  
*La chair est triste...*, 45  
Um astronauta, 46  
Convívio, 47  
Quatro cadeiras, 48  
Trabalho noturno, 49  
Rembrandt, 50  
Equilíbrio, 51  
Parapeito, 52  
O assassino, 53  
Arqueiro, 54  
Depósito, 55  
Pêndulo, 56  
Limite, 57

#### TEMPO DAS ÁGUAS

Prece, 61  
As coisas vivas, 63  
A correnteza, 64  
O círculo habitado, 67  
Noturno, 69  
Máquina, 70  
Um indeciso, 71  
A preguiça de Jacó, 73  
Os médicos, 75  
Deuses antigos, 76  
O peixe, 77  
Á, 78

Visita a um quadro, 79  
O perdão, 82  
Instruções a um morto, 84  
Surdez, 85  
Velho tema, 86  
Intervalo, 87  
O gigante, 88  
Poema da estiagem, 89  
Perguntas sem eco, 94  
Três poemas bíblicos, 96  
Psicanálise da chuva, 99  
Fidelidade, 101  
Informação, 103  
Sapatos, 104  
História universal, 105  
Cantiga sem torna-viagem, 106  
Distância, 107  
Depois, 108  
Estela enterrada, 109  
A um pescador, 110  
Aniversário, 111  
Alinhavo, 112  
Canção sem voz às quatro da madrugada, 113  
Da pontuação, 114  
Poema chinês, 116

FIM

Memória, 119

## Confissão e prólogo

*Vós habitais um quarto pobre, misturado à vida.*

Antonin Artaud

Na minha mera e já quase velha opinião  
os poetas *sábios*, demasiadamente *sábios*,  
desaprenderam a inocência e o espanto,  
e por isso, de fato, sabem tão pouco:  
sequer suspeitam a impronunciável,  
contudo plena arte de respirar.  
Vêm e nos dão um embrulho  
talvez belo, certamente bem-feito,  
sem a laçada e o papel estampa  
(afinal, é sempre outra a moda);  
porém, abrimo-lo e o sabemos vazio:  
guardaram-se, avaros, do lado de fora,  
polícias disfarçados de poetas  
olhando-se com temeroso respeito,  
também sem grana para o pão  
e comprando na página branca o céu  
e que assim passam — muito bem.  
Quanto a mim, venho seguindo o fio frágil  
tecido de sonho, medo e oxigênio  
e sinceramente confesso nunca saber  
para onde este fio me conduz e me perde;  
não me detive a falar com pedras

no lugar de ouvir estrelas,  
mas me pus a indagar o corpo, a vida,  
o universo desmedido que em mim coube  
ou antes, a vida, o corpo, puseram-se  
a andar também no que, incerto, escrevo.  
Roubo ao acaso, à zona de sombra,  
aos meus próprios e alheios gestos  
a mínima letra, pobre iluminura  
que não se basta, mas borda o escuro.  
E se a obra é, de antemão, inconclusa,  
talvez nasça disso o vero voo,  
talvez seja necessário — mas isso não  
é lei, não há lei — não ser tão *sábio*  
para um dia, quem sabe, compreender  
que a poesia, esta sempre outra coisa,  
não é nem a mosca nem o zênite,  
porém os dois juntos, amantes,  
ampulheta em infinita entrega,  
plena de risos, lágrimas e... minutos.  
Mais valioso que um tesouro  
ao cabo de um mapa de palavras  
julgo ser qualquer diário achado,  
seja em linguagem de adolescente  
ou na de um velho cuja caduquice  
inclui saber latim e grego  
e que, ainda tímido, se abeira do fim  
falando a outros, às vezes jovens, mortos.  
Assim, aqui estou — nu, inaugural  
e, sujando com o pulso o silêncio, aqui está,  
brilhando de merda, êxtase e sangue,

bailando entre o espírito e o espirro,  
eternamente escrita e improvisada,  
a minha, leitor, a tua? a alheia,  
a agora liberta e nenhuma  
biografia.

# A um antianjo

Em memória de Júlio Caixeta

A mais longa distância que pode haver,  
esta que agora vai dos teus pés ao chão,  
não te fez mais leve:

foi o mundo e nossas vidas que se soltaram.

OBVNI  
1990-1995

Para Regma e Luiz Humberto

## Canto primeiro

aqui no poço sem luz  
onde vêm cair ruídos  
e restos de olhares

há um odor invisível  
sem carne, sem olfato  
procurando quem sinta

e o nome sem sílabas  
murmura um corpo  
que ainda não ouve:

emergido do sangue  
anterior ao pensamento  
aos pássaros, aos sapatos

um monstro se arrasta  
até que se ergue  
em homem e continua

# Arqueologia

nos gestos banais  
que riscam fósforos  
tomam água, sentem  
pôr atenção e pá

e escavar ao redor  
do sujeito oculto  
a alma aparente  
das formas simples

que a todos enganam  
pois nada guardam  
e (enquanto pensamos)  
assim se guardam —

aos poucos, no espanto  
de sandálias, passos  
vértebras de dança  
insetos no âmbar

as palavras se abrem  
o mundo se revela  
e dentro, intacto  
o homem que o escava

## O vigia

no fosso do elevador  
no quarto de despejo  
no armário embutido  
a noite eterna espreita

pelas frestas, o vulto  
sob a luz inventada:  
é preciso vigiar  
as coisas que se furtam

nunca mostram a face  
mesmo quando sugerem  
como as sandálias  
sob a janela aberta —

com o branco dos olhos  
vigiar a escuridão  
que sustém luz e coisas  
e o nada atrás da porta —

não permitir a fuga  
ou a invasão: mas vem  
a fome e a noite salta  
da lata de biscoitos

vem o sono e debaixo  
da cama ninguém sabe  
(como dentro dos sonhos)  
o que, na sombra, se oculta

e nas gavetas vazias  
no poço atrás dos olhos  
baratas, pensamentos  
sem veneno, deslizam